

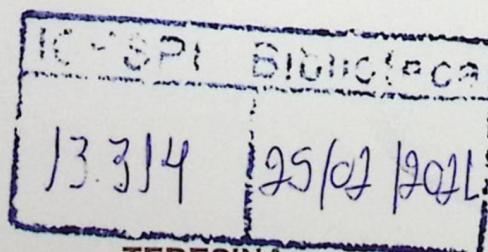
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Curso de Licenciatura em Filosofia

RODOLFO LIMA ALVES

A CONCEPÇÃO DE FELICIDADE EM AGOSTINHO DE HIPONA

Tec. Filosofia
Monografia

Cod. 5950
C 100
A 474 ✓



TERESINA
2020

RODOLFO LIMA ALVES

A CONCEPÇÃO DE FELICIDADE EM AGOSTINHO DE HIPONA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Filosofia pelo Instituto Católico de Estudos
Superiores do Piauí.

Orientadora: Prof. Msc. Hortencia Maria
Dantas Santos.

TERESINA
2020

RODOLFO LIMA ALVES

A CONCEPÇÃO DE FELICIDADE EM AGOSTINHO DE HIPONA

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Curso de Licenciatura em Filosofia

Aprovada em ____/____/____

1ª Examinador

Pe. Esp. Iuri Ribeiro dos Santos
Seminário Propedêutico Nossa Senhora de Guadalupe
Instituto de Teologia São João XXIII

2ª Examinador

Prof. Esp. Pe. José Genivaldo Garcia
Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição

Orientadora

Prof. Msc. Hortencia Maria Dantas Santos
Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição

Dedico esta monografia ao Deus Uno e Trino, a sempre Virgem Maria, aos meus pais, Antônio Nelson Alves e Nildilene Tavares de Lima Alves, e aos meus irmãos, Rafael Lima Alves e Emanuel de Lima Alves. Pela presença amorosa em minha vida. Meu carinho e amor a cada um de vocês.

AGRADECIMENTOS

"Tarde Te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova... Tarde Te amei! Trinta anos estive longe de Deus. Mas, durante esse tempo, algo se movia dentro do meu coração. Eu era inquieto, alguém que buscava a felicidade, buscava algo que não achava. Mas Tu Te compadeceste de mim e tudo mudou, porque Tu me deixaste conhecer-Te. Entrei no meu íntimo sob a Tua Guia e consegui, porque Tu Te fizeste meu auxílio."

Assim, Deus se faz presente dentro de nossa alma, preenchendo o vazio de nossa existência. Com o coração agradecido pela a única Graça, agradeço a Trindade Santa, que tanto mim expira: ao Pai Criador, ao Filho Salvador e ao Espírito Santo, santificador, que mim impulsiona ao único Amor. Por certo, tudo que fiz até aqui a Trindade Santa mim ajudou, e tenho a certeza que tudo que eu fizer daqui para frente, Ela continuará mim ajudando. "Protege, ó Trindade Santa, aqueles que te imploram".

Um dos dons que Deus mim deu, foi o dom de uma família. Agradeço a minha família por tudo que mim ensinaram, e por fazer parte da minha vida. Aos meus pais, pelo seu amor, amor esse, que só recebo no berço familiar. Meu pai, Antônio Nelson Alves, a minha mãe, Nildilene Tavares de Lima Alves e aos meus irmãos, Rafael Lima Alves e Emanuel de Lima Alves. Confesso, a base para minha vida recebi com cada um de vocês. Como também, agradeço imensamente a muitos familiares que fazem parte da minha vida, em modo especial a minha tia, Maria Tavares de Lima, como também, Maria do Socorro Tavares, pelo seu jeito humilde de ser. De fato, não posso esquecer da minha amiga e irmã, irmã Ana Paula. Quero também manifestar meu carinho a duas pessoas importantíssimas, que entraram para fazer parte em minha vida: a Rômulo Costa e Maria Araújo, mesmo estando longe de casa, mim acolhem sempre em seu lar, nos momentos de folga vou sempre sorrir com vocês, confesso, minha família aqui em Sergipe, por isso, muito obrigado pelo carinho.

"Tu estavas dentro de mim e eu fora... "Os homens saem para fazer passeios, a fim de admirar o alto dos montes, o ruído incessante dos mares, o belo e contínuo curso dos rios, os majestosos movimentos dos astros. E, no entanto, passam ao largo de si mesmos. Não se arriscam na aventura de um passeio interior". Eis que estavas dentro e eu fora! Seguravam-me longe de Ti as coisas que não existiriam senão em Ti. Estavas comigo e não eu Contigo"

"Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem do rei Melquisedeque!" (Salmo 109). No decorrer de minha caminhada estou tendo a alegria de conviver com alguns pastores comprometidos com o reino, padres amigos que mim ajudam muito com suas palavras e seus testemunhos de vida. A saber: Frei Leonardo Trotta, meu pai espiritual, com ele iniciei minha caminhada cristã, e sou grato por ter mim enviado ao seminário. Lembro também de um grande amigo, Padre Edmilson Ferreira Lima, pela amizade e as oportunidades que tive de vivenciar várias experiências pastorais nas comunidades rurais e urbanas de nossa querida Tuntum. Agradeço de forma carinhosa, a Padre José Dácio, pela amizade e pelas experiências pastorais enriquecedoras que tive neste período de 2017 e 2018.

"Mas Tu me chamaste, clamaste por mim e Teu grito rompeu a minha surdez. Fizeste-me entrar em mim mesmo, para não olhar para dentro de mim, eu tinha me escondido. Mas Tu me arrancaste do meu esconderijo e me puseste diante de mim mesmo, a fim de que eu enxergasse o indigno que era, o quão deformado, manchado e sujo eu estava".

Como também, meus agradecimentos de forma imensa a Dom Franco Cutter, Bispo emérito de Grajaú, pelo seu jeito de pastor amoroso, por sua atenção de pai e por ter mim acolhido no seminário no ano de 2015. Sou muito grato ao meu pastor, Dom Rubival, pela sua atenção paternal a mim e aos meus irmãos seminaristas, e pela confiança depositada a todos os seus diocesanos.

Como também, no ano de 2015 fui acolhido no Seminário Menor Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos, Grajaú-MA, agradeço ao meu primeiro reitor, Padre Weslly Melo, pelos incentivos e pelos ensinamentos no campo acadêmico e pastoral. A padre Bento, meu segundo reitor no Seminário Maior São João XXIII, São Luiz-MA. Sou grato ao Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição, Aracaju-SE, na pessoa do meu dileto reitor Padre Jefferson e a toda equipe formativa, por mim impulsionar ao crescimento da minha caminhada vocacional, como também, a todos os seminaristas desta instituição.

"Exalaste Teu Perfume e respirei. Agora suspiro por Ti, anseio por Ti! Deus... de Quem separar-se é morrer, de Quem aproximar-se é ressuscitar, com Quem habitar é viver. Deus... de Quem fugir é cair, a Quem voltar é levantar-se, em Quem apoiar-se é estar seguro. Deus... a Quem esquecer é perecer, a Quem buscar é renascer, a Quem conhecer é possuir. Foi assim que descobri a Deus e me dei

conta de que, no fundo, era a Ele, mesmo sem saber, a Quem buscava ardentemente o meu coração.”

Agradeço a minha turma de propedêutico de modo especial: Aminadab Nascimento, Adnubio Sousa, Francisco Alves e Francielton Carvalho, pela amizade e companheirismo. Sou grato, aos irmãos seminaristas da diocese de Grajaú: a Monsenhor Claudivan, Jairo Silva, Luiz Josivan, José Nilvan e Rafael Araújo, obrigado a cada um de vocês pela amizade.

“Provei-Te, e, agora, tenho fome e sede de Ti. Tocaste-me, e agora ardo por Tua Paz. Vi dentro de mim a Luz Imutável, Forte e Brilhante! Quem conhece a Verdade conhece esta Luz. Ó Eterna Verdade! Verdadeira Caridade! Tu és o meu Deus! Por Ti suspiro dia e noite desde que Te conheci. E mostraste-me então Quem eras. E irradiaste sobre mim a Tua Força dando-me o Teu Amor!”

“Quem encontrou um amigo, encontrou um tesouro”. Agradeço a todas pessoas que fizeram ou fazem parte da minha vida. Quero destacar de forma especial a amizade de: Marcos Wiliam, José Emílio, Tiago Menezes, Phelype Bento, Rafael Sousa, Irmã Lucia, Irmã Bernadete, Samara Silva, Karine Santos, Dona Luiza, Silvânia Santos, Irmãs Franciscanas de Susa, Irmãs franciscanas Missionárias de Nossa Senhora, a todos, o meu muito obrigado.

A minha orientadora, Hotencia Dantas, pela paciência que teve comigo, e por ter mim aceito como orientando. Foi um ano bem puxado. Eu recordo quantas vezes a senhora voltou meu projeto, capítulos e monografia, tudo isso, para um melhor enriquecimento, nisso, sou muito grato, pela disposição em estar ao meu lado neste trabalho árduo. Meus agradecimentos, ao Padre Genivaldo e a Padre Iuri Ribeiro, por aceitarem a fazerem parte da minha banca. Também agradeço a Padre Helelon por traduzir meu resumo para a língua italiana, ao seminarista José Jeanderson, por ter mim propulsionado materiais didáticos.

De forma importantíssima e magnífica, agradeço muito, a sempre Virgem Maria, Senhora do Carmo, pela presença maternal de Mãe em toda minha vida, quantas vezes no momento de dor e sofrimento, recorro a vossa proteção, pois tudo que tenho e sou, é pela graça Deus.

“Tarde te amei! Tarde Te amei, oh Beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu Te amei! Eis que estavas dentro e eu, fora. E fora Te buscava e lançava-me, disforme e nada belo, ante a beleza de tudo e todos que criaste. Estavas comigo e não eu contigo. Exalaste Teu Perfume e respirando-o, suspirei por ti, te

desejei. Eu Te provei, e agora tenho fome e sede de ti. Tocaste-me e agora estou ardendo em desejos por Tua Paz! E agora, Senhor, só amo a Ti! Só sigo a Ti! Só busco a Ti! Só ardo por ti!" "Protege, ó Trindade Santa, aqueles que te imploram".

"O Deus que me chama é Amor"
São Luís Gonzaga

RESUMO

O presente trabalho monográfico traz uma reflexão sistemática a respeito da felicidade, segundo Agostinho de Hipona. Ele diante de suas inquietações, procura um preenchimento para sua vida, nisso, a obra base intitulada *vida feliz*, o Bispo convida alguns amigos para a festividade de seu 32º aniversário, o filósofo apresenta uma análise a respeito da temática para se chegar até a vida feliz. Felicidade essa, que já foi discutida pelos primeiros filósofos da Grécia antiga, a saber: Sócrates, Platão, Aristóteles, Cícero, etc. Para o homem alcançar a vida feliz, é necessário trilhar um caminho de busca constante da verdade, por certo, o próprio Agostinho passou por vários caminhos que tinham suas ideias próprias, mas ele não se encontrava em nenhum desses caminhos, assim, o Mestre da interioridade só encontra um caminho, quando se depara com os sermões do Bispo Ambrósio, e se adentra para a fé cristã. Bem como, Agostinho destaca que para o homem ter uma vida sadia, necessita alimentar o corpo e a alma, e sua alma deve buscar o equilíbrio para reger o corpo. Todavia, a alma só encontra a plena felicidade no perfeito encontro com Deus, que é a felicidade, mas, o homem pode ser feliz aqui, porém é uma felicidade passageira, alicerçada em bens frágeis, ao contrário, aquilo que é duradouro, é a felicidade com a Trindade Santa.

PALAVRAS-CHAVE: Inquietações. Felicidade. Caminhos. Alma. Corpo. Deus.

RIASSUNTO

Questo lavoro monográfico porta in si uma riflessione sistemática sulla felicità, secondo Agostino d'opona. Lui difronte alle sue inquietudini, cerca de colmar ela sua vita, per questo, in base all opera base é *Lá vota bela*, il vescaio d'opona invita alcini dei suoi amici per far festa in occasione del suo 32° (Trinteduisimo secondo) aniversario. De filosofo presente uma analise riguardo la temática per raggiungere la vita bela. Felicità questa che é ghe stata discussa dai primi filosofi dela Grecia antica, come: Socrate, Platone, Aristotele, Cícero, etc. per l'uomo raggiungere la vita beata, é necessário percorrere um cammino de ricerca continua dela verita. Di sicuro, il propuno Agostino é passato tramite varie strade che avevano le proprie idie, pero lui non si é trovato in nessun de issi, così, il maetro dell interiorita trova solo uma vita, quando si trova davanti ai sermoni dell vescoro Ambrósio di Milano, e si Tufa nella fede cristiuna. Così, Agostino mete in relevo che per l'uomo avere uma vita salutare, há mettersi ala ricerca dell'equilibro per reggere il corpo. Todavila, l'anima trova la pienezza dela felicità solo perfeito encontro com Dio, che é la felicità, però, l'uomo puó essere Felice qui sulla terra, anche se é a uma felicità efêmera, fondota sui beni fragili, al contrario, quello che é duraturo, é la felicità com la Santa Trinitá.

PAROLE-CHIAVE: Inquietudine. Felicità. Cammini. Anima. Corpo. Dio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12

2 PRIMEIRO CAPÍTULO: O PROBLEMA DA FELICIDADE 15

3 SEGUNDO CAPÍTULO: A POSSE DE DEUS COMO CONDIÇÃO DA FELICIDADE.24

4 TERCEIRO CAPÍTULO: A FELICIDADE É PLENITUDE ESPIRITUAL 32

5 CONCLUSÃO..... 39

REFERÊNCIAS 41

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho irá refletir sobre a Felicidade em Agostinho de Hipona, tomando por base sua obra *Vida Feliz*. Dessa maneira, o Bispo de Hipona debate com alguns amigos sobre o que de fato seria uma vida feliz. A razão é o guia que o leva a uma reflexão introspectiva sobre a verdadeira felicidade, partindo de uma vida virtuosa até chegar a uma vida em plena união com Deus.

A obra é constituída em três Colóquios entre Agostinho e alguns amigos, que deu início na ocasião de seu 32º aniversário, e nisso ele conduz um diálogo em torno do tema: a felicidade. Nestes colóquios é refletido, que não há vida feliz a não ser no perfeito conhecimento de Deus, ou seja, a felicidade está centrada no conhecimento da verdade, na interioridade da alma.

Segundo Agostinho, o ser humano estar em um grande mar (o mundo), um mar cheio de tempestade e aventuras, e poucos homens saberiam o caminho do retorno para a terra de suas aspirações, poucos que se deixam ser conduzidos pela razão e pela vontade. Neste mar existem três categorias de navegantes, de acordo com o filósofo, a primeira espécie de navegantes é aquela que usa da consciência racional para decidir os problemas que ocorrem em meio as dificuldades, e remando o barco mais para a frente encontra um lugar de tranquilidade para colocar em ação suas obras realizadas.

Segundo Agostinho, a segunda espécie de navegantes é composta de seres que se deixam ser levados pelas aparências falaciosas, e deixam que o vento dos prazeres os guie, no final da navegação entraram no profundo abismo de miséria. E agora temos a terceira classe de navegantes que são os que aproveitam o mar mesmo em situações de tempestade, mas gozam dos frutos trilhados na viagem.

O filósofo apresenta essas três categorias para mostrar a sua trajetória até o encontro com a filosofia. Ele diz que quando tinha dezenove anos, foi inflamado pelo amor a filosofia, através de uma leitura do livro *Hortênsio*, de Cícero, e queria se dedicar a ela (Filosofia) sem reservas, mas, as névoas perturbavam sua navegação. Mas, o contato com a obra não dava uma resposta as suas inquietações, por isso, procuravam se aprofundar nas Sagradas Escrituras, mas logo se decepcionou porque, em comparação com a realeza do texto de Cícero, assemelhava-se indignas e modestas.

Por isso, abandonou tudo e foi em busca de outros caminhos, logo se deparou com os maniqueus. As características dos maniqueus, eram que acreditavam que Deus é um ser corpóreo, tinham uma visão totalmente materialista e que no mundo está cheio de Deus. Assim, os maniqueus chamam atenção de Agostinho, pelo fato de sua doutrina ser considerada gnóstica racionalista e uma ontologia materialista e dualista.

Suas inquietações continuavam, ele não estava convencido com os maniqueus, por isso, partiu para Roma, afim de debruçar seus estudos na filosofia, dirigiu-se aos filósofos céticos da academia, no qual sustentavam que nada de verdadeiro podia ser compreendido pelo o homem, e essa concepção não convence Agostinho. Insatisfeito com o pensamento dos acadêmicos, ele vai para Milão lecionar retórica, e assim, começa a ser ouvinte dos sermões do Bispo Ambrósio, encantado com as palavras do Bispo passa a ser catecúmeno da fé cristã.

Dessa maneira, ainda inquieto, mas no fundo acreditava que estava em um caminho que daria uma resposta as suas perguntas, resolve se batizar e logo abandona a disciplina de retórica e dedica sua vida a leitura, estudos, debates e oração. Nesta fase Agostinho chega a uma idade mais madura, onde parte para um local de descanso e contemplação. A partir de suas meditações nasceram suas obras que abordavam alguns temas. A saber: Deus, o bem, o mal, a verdade, a felicidade e muitos outros assuntos.

Dessa forma, a felicidade sendo um dos temas de estudo de Agostinho, o caminho para se chegar a ela, passa pela compreensão do problema sobre: qual é o alimento do corpo e da alma? O Bispo de Hipona nos apresenta dois tipos de alimentos, diz ele, um salutar e proveitoso, outro malsão e funesto. Bem como, o homem só se alimenta quando estar com apetite, sedento, faminto, e daquilo que faz bem para o corpo e alma. Por outro lado, segundo Agostinho (1998) o ser humano só possui aquilo que quer, ninguém pode ser feliz sem possuir o que deseja e, por outro lado, não basta aos que já possuem ter o ambicionado para serem felizes.

Portanto, de acordo com o filósofo, ser feliz não é outra coisa do que não padecer necessidades. Ou seja, não cair nas carências (que é a falta de sabedoria) que o mundo coloca no caminho de cada homem, pois a carência leva a uma vida infeliz, e se o ser humano foge dela, aí sim, é ser sábio. Assim, de acordo com o Bispo de Hipona (1998) a sabedoria é simplesmente a moderação do espírito. Isto é, aquilo pelo que a alma se conserva em equilíbrio, de modo a não se dispersar em

excessos ou escolher-se abaixo de sua plenitude. Bem como, quando a alma não estar em equilíbrio é provável que ela entre nos prazeres carnavais, e nisso, sendo almas infelizes, se consideram em estado de plenitude. Segundo Agostinho, elas se encontram na verdade, diminuídas pelas baixezas, pelo medo, tristeza, cupidez e outras paixões. Por outro lado, quando uma alma encontra a sabedoria, ela vive em estado de contemplação, tendo em vista de nunca cair em caminhos vãos, por estar ela abraçada a Deus.

De fato, a sabedoria é a verdade, segundo o Bispo de Hipona (1998) uma verdade que encerra em si uma Suma Medida, da qual brota e à qual se volta inteiramente. Assim, a verdade é provocada pela medida, além disso, a medida revela-se pela verdade. Dessa maneira, toda alma quer ir até a Suma Medida pelo caminho da verdade, isso sim, encontrarás a felicidade, o gozo da alma. E gozo da alma é alcançada em Deus, no qual a alma encontra a mais plena felicidade.

Diante do exposto, o trabalho em questão estar organizado em três capítulos, obedecendo a essa ordem: primeiro, o problema da felicidade; segundo, a posse de Deus como condição da felicidade e finalmente, a felicidade é a plenitude espiritual, ou seja, a felicidade como contemplação do próprio Deus, a plenitude da alma.

CAPÍTULO PRIMEIRO

2 O PROBLEMA DA FELICIDADE

A questão da felicidade é algo já estudado desde a Grécia antiga, pelos primeiros filósofos, como figura primeira que pode ser citada é Sócrates. Ele dizia que a felicidade não provém das coisas exteriores, mas, sim da própria alma do homem, pois nela estar sua essência, e para ser feliz é necessário ser virtuoso.

Nesse sentido, diz Sócrates: 'considero feliz quem é honesto e bom, quer seja homem quer seja mulher; o desonesto e mal é infeliz'. Portanto, a vida na virtude é a vida numa espécie de ordem espiritual ou harmonia interior, que possibilita necessariamente a posse da felicidade. (OLIVEIRA, 2013, p. 22).

Já Platão desvinculou a felicidade da atuação dos deuses para relacionar à atuação do homem na *pólis*, assim, para alcançar a vida feliz, o ser humano carece de repudiar as fantasias dos sentidos, e segue em rumo ao mundo das ideias, é apenas desta realidade que se consegue o conhecimento. Assim comenta White (2009, p. 19):

No *Górgias* e na *República*, Platão tomou como início o reconhecimento de que temos desejos, objetivos, impulsos etc. plurais e conflitantes, e que, de alguma maneira, temos de lidar com este fato. Platão pode não ter sido o primeiro a perceber o fato da pluralidade do conflito, mas foi o primeiro a reagir sistematicamente a ele.

Desse modo, "Platão procurou refutar a instabilidade dos desejos por meio do estabelecimento de uma felicidade estável, traço marcante da ética eudaimonista grega, assim como a filosofia romana e agostiniana, posteriormente fizeram." (OLIVEIRA, 2013, p. 23). Logo após Platão, Aristóteles percebia a felicidade como uma atividade natural da alma, que tem a função de aperfeiçoar o caráter dos cidadãos, tornando virtuoso e capazes de alcançarem obras nobres. Segundo Oliveira (2013) quando se fala da felicidade como uma atividade da alma, é preciso considerar que Aristóteles se refere especificamente à atividade associada à virtude, ou seja, como excelência da alma, e não como excelência do corpo.

Dentro da filosofia romana, podemos nos deparar com Cícero, este mesmo que encantou Agostinho com suas belíssimas palavras a respeito da filosofia. Nisso, Cícero apresenta o que seria a felicidade para o pensamento romano.

No domínio da ética, os estóicos sustentam uma forma de *eudaimonismo*: o objetivo da vida humana é a realização do fim que lhe é próprio. Este fim consiste em viver em conformidade com a natureza (a nossa natureza e a natureza do *cosmos*; compreende-se

então a importância da ideia segundo a qual nossa natureza é idêntica à potência divina que estrutura o mundo natural). A vida completamente conforme a razão é a única virtuosa e feliz, e o guia para levar esta vida perfeita e divina, é a compreensão dos acontecimentos que ocorrem na natureza. (BASTOS, 2011, p. 85).

Dentro da tradição grega, Cícero¹ não separa a felicidade do homem da felicidade da cidade, segundo Cícero (apud GARCIA, 2012, p. 41) não há felicidade sem uma apropriada constituição política, assim, não há paz sem uma sábia e bem organizada República. A semelhança que há entre a cidade e o cidadão se depara juntas entre um conjunto de valores, que permite uma vida feliz, “numa tal sociedade em que se encontram todos os bens desejáveis, a honestidade, a glória, a tranquilidade e a alegria da alma, todos os bens, em uma palavra, que tornam a vida feliz, e sem a qual ela não poderia sê-lo.” (CÍCERO apud GARCIA, 2012, p. 41).

Entre os filósofos citados, sobre a questão da felicidade, Agostinho também se pergunta a respeito da sua própria felicidade. Com isso, ele vai procurando nas fontes, para poder ter uma vida feliz, e seus questionamentos aumentam cada vez mais. Diante dos questionamentos, ele bebe de muitas fontes, principalmente em Platão, ele percebe que as mesmas indagações que os antigos tiveram, os estudiosos do seu tempo buscavam as mesmas respostas.

Indo em busca da felicidade, Agostinho vai apresentando formas de reflexões para se chegar a essa felicidade, no qual o ser humano tanto deseja. Nisso, para se chegar à vida feliz é necessário trabalhar com o corpo e alma. Contudo, o ser humano é formado por alma e corpo? Essa questão é um dos assuntos abordado no primeiro dia do colóquio de Agostinho com os convidados de seu aniversário. O Bispo levanta esse questionamento, para levar a uma reflexão até chegar ao tema central deste trabalho: a felicidade. Assim pois, que da mesma forma que o corpo necessita de alimento para permanecer em pé, é o mesmo caso da alma, que também precisa ser alimentada para que o homem fique firme. Corpo e alma segundo Agostinho andam juntos, um completa o outro, pois “diremos sobre o homem que sua alma e seu corpo estão unidos como dois cavalos atados a um carro[...].” (GILSON, 2006, p.97). Para o homem ter uma vida feliz, necessita trabalhar com o corpo e a alma.

¹ Filósofo e orador romano. Cícero defendia um conceito de filosofia como sabedoria e arte de viver que traz a felicidade verdadeira.

Para se ter a certeza que o ser humano é formado por alma e corpo, entra a questão do viver. Se uma pessoa tem vida, logo tem corpo, e dentro desse corpo existe uma alma que rege esse corpo, e diante disso, o ser humano pode ser chamado uma alma racional, pois a alma do ser humano tem uma grande importância dentro de sua existência, deve ter equilíbrio no seu proceder, usando a própria razão para guiar a vida humana, e no fundo serve-se de um corpo, nisso, voltemos à uma frase citada anteriormente, que a alma e corpo andam juntos. De acordo com Abbagnano (1979), a alma é uma substância racional e inteligente, e ela tem a capacidade de conduzir o corpo.

Dessa forma, Deus no projeto da criação, cria um homem, e não um corpo ou uma alma. Podemos lembrar quando Adão é criado através do barro, no qual Deus fez o homem, e esse homem é formado de duas substâncias, uma alma e um corpo, e a ligação que estas duas substâncias têm, vem desde o início dos tempos. Por isso, segundo o Bispo de Hipona (1994), o homem é um, e sendo um, ele é imagem da Trindade Santa, nisso podemos observar uma misteriosidade no interior do homem, ele mesmo assim se questiona de si e dos outros, e só tem um alívio em suas questões, quando na verdade encontra uma resposta. Aliás, é “na verdade desta interioridade que se transcende e se abre a Deus, encontra-se uma certeza fundamental que elimina a dúvida.” (ABBAGNANO, 1979, p. 207).

Ademais, quem duvida tem a certeza de duvidar, pois deduz a dúvida e o leva a verdade. Pois, a verdade na vida humana, ajuda a construir o verdadeiro conhecimento. Assim como é apresentado:

A verdade é a revelação do ser como tal. Ela é o ser que se revela, o ser que ilumina e lhe fornece a norma de todo o juízo, a medida de toda avaliação. Neste revelar-se do ser na interioridade do homem, neste seu valer frente ao homem como o princípio iluminante da sua procura, tal é a verdade. (ABBAGNANO, 1979, p. 208).

Portanto, a verdade que liberta o homem das suas agitações, não é a alma, mas é uma luz que ilumina sua alma, como também, a verdade não é a razão, mas é a regra que rege a razão, bem como, é o caminho que a própria razão usa para conduzir as coisas do seu eu. Com isso, a razão é uma companheira no seguimento da alma, só assim, ela habita na verdade, e encontra aquilo que está além dela.

Desde então, para fortalecer a alma é necessário que ela tenha seu próprio alimento. Neste caso, é provável que ela, a alma tem seu próprio alimento?

Agostinho questiona aos participantes afim de que eles apresentem suas opiniões. Com isso, Mônica², participante da conversa apresenta seu parecer e diz que: "a meu ver, não existe outro alimento para a alma que não seja o conhecimento das coisas e a ciência." (AGOSTINHO, 1998, p. 126). De acordo com o Bispo de Hipona (1998), as meditações e pensamentos alimentam a alma, e os homens sem instruções deparam-se em jejum, famintos já que estão ocos de ciência e entupidos de maldades.

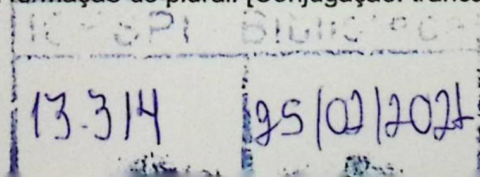
Significa, a alma que estar dotada de inteligência, é uma alma sadia e bem alimentada, ela estar livre do caminho do erro e solta das cadeias dos ignorantes, diferentemente das almas ignorantes que estão no vício e na carência (da verdade), aquelas que estão na escuridão do erro, e mesmo sendo almas sujas, não se deixam ser conduzidas para luz (a verdade), e mesmo assim conduzem outras para junto de seu acampamento.

Além disso, segundo Agostinho (1998) as almas ignorantes estão famintas, fracas e cheias de maldades no seu interior. Como também, essas almas que não se alimentam ficam doentes e sem equilíbrio, por isso, os antigos chamavam de malignidade, esse apodrecimento é a mãe de todos os vícios, pois no fundo é uma ausência de tudo, um completo vazio. As almas que estão neste estado sentem um vazio existencial, como se não tivesse sabor em si, mais por um lado, elas se consideram sábias e virtuosas, isso lhes acontece, pois, o erro tampa sua visão e os leva cada vez mais a cometer *claudicação*³. Por certo, elas também não têm fertilidade para crescer no conhecimento da verdade, cada vez mais vão se perdendo.

Em contrapartida, as contrárias dessas, as almas que se alimentam corretamente, vivem em estado de paz com sua existência e com aquilo que faz parte da sua vida e ao seu redor, pois "vivem em estado de moderação, temperança e frugalidade." (AGOSTINHO, 1998, p. 126). Almas que dão frutos no seu caminhar, e cada vez mais crescem no conhecimento da verdade e se aproximam da libertação do pensamento errado. Essas almas, sabem equilibrar seu corpo, seus prazeres carnis e nem tudo aquilo que o mundo oferece é suas escolhas. Similarmente, o corpo também contém o seu alimento, isso é, sem dúvida. Por isso, em relação ao alimento do corpo e da alma existe: "Um salutar e proveitoso, outro

² Mãe de Agostinho e participante do colóquio.

³ Claudicação: Cometer falta; errar: claudicou na formação do plural. [Conjugação: trancar.]



malsão e funesto.” (AGOSTINHO, 1998, p. 127). Para mostrar que, as duas substâncias que formam o homem têm suas estruturas alimentares, aquilo que dá vida e força, nisso, o homem que alimenta esses dois elementos corretamente, vivem em abundância.

Além disso, para alimentar a alma, é necessário que se tenha apetite, pois só sentimos prazer em degustar um alimento se estivermos com vontade do alimento, por outro lado, seria inútil estar em frente a um tipo de alimento, se no fundo não estivermos sedentos dele. Assim, é o caso em alimentar a alma, quando queremos e sentimos o gozo, necessitamos fartar-se, diferentemente das almas doentes que recusam alimentar-se.

A partir desse momento a respeito do alimento para a alma e para o corpo, a reflexão adentra a questão sobre se somos felizes por possuirmos o que queremos? Partindo do princípio que todos desejam ser felizes, Agostinho (1998, p. 128) pergunta: “[...] quem não tem o que quer é feliz?” Mais uma vez é pertinente a questão, Mônica diante de todos os presentes destaca que “sim, se for o bem que ele apetece e possui, será feliz. Mas, se forem coisas más, ainda que possua, será desgraçado.” (AGOSTINHO, 1998, p. 128). Com essas palavras, é identificado que aquilo que deseja é na verdade aquilo que procura, se procuras o mal, o caminho que conduz ao mal é o mesmo caminho que receberás o mal, em contrapartida, se desejas o bem, porventura receberás o bem. Agostinho manifesta um elogio a sua mãe pelas belíssimas palavras, e o seu alcance ao auge da filosofia, só assim, as palavras de Cícero para completar sua frase:

‘Há certos homens - certamente não filósofos, pois sempre prontos a discordar - que pretendem ser felizes todos aqueles que vivem a seu bel-prazer. Mas tal é falso, de todos os pontos de vista, porque não há desgraça pior do que querer o que não convém. És menos infeliz por não conseguires o que queres, do que por ambicionar obter algo inconveniente. De fato, a malícia da vontade ocasiona ao homem males maiores do que a fortuna pode lhe trazer de bens’. (CÍCERO, apud AGOSTINHO, 1998, p. 128).

Ademais, Cícero afirma que não é satisfatório ter algo que deseja para ser feliz, pois, o homem é mais infeliz quando deseja algo que não edifica, do que quando não tem o que deseja. Para ser verdadeiramente feliz, afirma Agostinho (1998), não se pode temer perder a felicidade. Bem como, que a vida que é dirigida pela posse de bens frágeis, não pode ser feliz, pois a alma tem medo de perder a

felicidade e, pelo fato das coisas relativas serem assinaladas pela incompletude, a posse de bens frágeis nunca será aceitável, sempre haverá de almejar mais.

Por certo, que a vontade é a forma no qual o homem sente a necessidade dos prazeres, que por sua vez é a raiz do desejo, podendo reclinar-se a uma atitude má ou boa. Como também, a vontade tendo em vista a satisfação da sua própria vontade, sendo ela a peça importante para as suas decisões. Ademais, o homem escolhe qual caminho quer trilhar, mas, diante daquilo que é apresentado na sua frente. Sem dúvida, que escolher é um processo doloroso para o ser humano, pois é no fato de escolher, que o deixa cada vez mais inquieto.

Certamente, a alma que deseja algo, busca alcançar seus objetivos, com isso, ela sente o desejo de encontrar aquilo que é desejado, e de alguma forma irá motivar sua existência. Assim, na realização de suas vontades, ele é capaz de diferenciar o bem do mal. Porque, a natureza humana tem o desejo de buscar e encontrar o Eterno.

Neste contexto, com a questão de possuir aquilo que deseja, o Bispo de Hipona (1998) pergunta: só é feliz quem possui a Deus? Eis uma questão que entra em jogo na conversa. Essa questão será um dos assuntos, o homem que deseja o encontro com o Criador tem a certeza que viverá com uma vida feliz, pois Deus é a plena felicidade revelada na humanidade. Pois, o homem é infeliz quando não possui nada, se não possui, é porque não deseja nada. Quem possui riqueza nada lhe falta, tudo tem para o seu bem-estar, mais será se ele é feliz? Mônica bem atenta na conversa argumenta que: "ainda que alguém tivesse a certeza de não perder tais bens frágeis, contudo, nunca viria a se contentar com o que já possui. Portanto, a pessoa séria infeliz pelo fato de querer sempre mais." (AGOSTINHO, 1998, p.130). Suas riquezas são passageiras e tudo que ele tem não dura para sempre, logo não encontrou a felicidade plena em sua vida. Na verdade, o homem imagina que seus bens são eternos, e se seus bens fossem eternos, o homem nunca iria se contentar com aquilo que tem, sempre iria querer algo a mais para preencher sua existência.

Outrossim, o Mestre da interioridade afirma (1998) que para se ter a felicidade, é necessário que o ser humano procure um bem permanente para a sua vida. Seria esse bem permanente "[...] Deus eterno e imutável?" (1998, p. 130). Eis a pergunta que se adentra no contexto do colóquio. Será que quem possui a Deus é feliz? O Bispo levanta essas questões para induzir aos participantes da festa à

reflexão. Deus é eterno e permanece para sempre, o homem procura o Ser Divino, e muitos criam divindades, mais não percebem que Deus se faz presente em sua alma, como o próprio Agostinho (2002) afirma, que tanto procurava a Deus, mas Ele estava dentro de sua alma, pois o Criador é o único Bem, e a alma que possui a Deus tem uma vida sadia, e para se ter uma vida sadia é porque estar seguindo o caminho de Deus, faz a sua vontade. E seguindo o passo de Deus, o homem estar longe das coisas imundas e impuras que aparece em sua frente, pois se possui a Deus vive uma vida feliz e harmoniosa e equilibrada, e só quem se encontra neste estado é porque procurou, encontrou e aceitou viver seguindo os passos do Criador.

Outrossim, para ser feliz, a alma deve fixar-se em algo que seja duradouro, pois não estará mais esperando a sorte. É no conhecimento de Deus que o homem caminha rumo a felicidade. Deste modo, o conhecimento de Deus deixa de ser um anseio intelectual e passa a ser um desejo humano que intenciona N'Ele encontrar a própria felicidade. E sendo assim, essa busca parte através da sabedoria.

A busca da sabedoria implica a busca do saber. Contudo, a sabedoria não equivale simplesmente ao saber, visto que nem todo o saber conduz à felicidade. A sabedoria é a busca daquele saber que, por sua própria natureza, torna feliz a quem o cultua. (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 168).

Ademais, a sabedoria é a busca que liberta o homem de todo tipo de prisão, que impede o encontro com a plena verdade. Assim, o homem pensa que todo tipo de saber pode libertar, como por exemplo a ciência, ideias que o homem tem induzidas pelos antigos ou aquilo que foi passado pelos deuses, mas, a sabedoria é a busca do pleno saber, que conduz o homem a verdade iluminada por Deus.

Segundo Gilson (2006), a felicidade só é alcançada quando o ser humano adentra no mistério de Deus. Assim pois, a ideia de Deus é universal e inseparável do espírito do ser humano, com isso, o homem vive no mistério de Deus, mas, não pode compreender por completo aquilo que de fato Deus é, mais só aquilo que Deus se revela ao homem. E é no ato de revelar que o homem sente a necessidade de conhecer os mistérios de Deus, no momento que ele percebe que sua existência estar vazia, e esse vazio precisa ser ocupado, por isso, ele deseja Deus.

Indubitavelmente, ninguém é feliz sem ter o que deseja, e nenhum homem procura aquilo que não deseja encontrar. Nisso, entra a questão dos acadêmicos⁴.

⁴ Os acadêmicos a que se alude aqui são sobretudo os da terceira seita desse nome, os da Nova Academia. Foram fundados por Carnêades, no 213-129 a.C.

Eles faziam parte de um centro de estudos, por exemplo: retórica, oratória e outras áreas, dessa forma, os membros seguiam um modelo de vida aplicado pela própria instituição. Com isso, os membros do colóquio entram na análise se os acadêmicos são felizes? Eles que procuram a verdade, mas de forma humana. Já que, não são sábios, porque todo sábio é feliz. Assim como é afirmado:

Se evidente, como a razão nos demonstrou há pouco, não poder ser feliz quem não possui o que deseja; e de outro lado ninguém procura o que não deseja encontrar; como então se explica que os acadêmicos estejam sempre à procura da verdade? Porque eles a querem encontrar, mas por método infalível, a fim de a poder descobrir. E, contudo, não descobrem! Segue-se, portanto, que não são felizes. Ora ninguém é sábio, se não for feliz. Logo, o acadêmico não é sábio. (AGOSTINHO, 1998, p. 132).

No assunto sobre os acadêmicos, Agostinho indaga a relação da posse da verdade para se chegar até a felicidade. Ele avalia se é plausível o homem encontrar a felicidade já na procura, ou só quando se tem posse da verdade. O filósofo teve em suas mãos dois conceitos diferentes de felicidade, que a felicidade do homem é caçar a verdade, sendo que, aquele que se encoraja nesse serviço é feliz, ainda que não alcance, mas, temos também o conceito de que é impossível ser feliz quem se encontra no erro. Ainda mais, os acadêmicos viviam em busca da verdade através das fontes humanas, usando a ciência para chegar até Deus. Assim, mesmo buscando a razão, mesmo desejando a verdade, mas, não chegavam a plena verdade (Deus). Com isso, o adentramento ao mistério de Deus, vai muito mais além daquilo que o homem pensa e deseja.

Nesta discursão, Agostinho coloca a questão da sabedoria, como uma fonte, um instrumento importante para alcançar a felicidade. Nisso, devemos entender melhor qual é o papel da sabedoria na problemática sobre a felicidade. Pois, o grande valor da sabedoria no problema da felicidade, se encontra em unir os elementos básicos de uma vida feliz, ou seja, o conhecimento das coisas humanas e o conhecimento das coisas divinas, que é a verdade.

Ao assegurar a importância da sabedoria no caminho para chegar a felicidade, se tem a necessidade de analisar o papel do sábio, vendo que, no momento do colóquio, surgia a obrigação de avaliar se é vã a busca do sábio que procura a verdade, mesmo sem encontrá-la:

Como em vão se é tão grande o proveito? Porque quem procura é sábio, e por sábio é feliz; liberta quanto pode a alma das prisões do corpo e concentrado em si próprio, nenhuma ambição o dilacera,

mas tranquilo em si e em Deus esforça-se por gozar merecidamente a beatitude, como gozara anteriormente a humana. (AGOSTINHO, 2017, p. 23).

De tal modo, os acadêmicos se esforçam para mostrar que não podem encontrar tais sinais, pois, os acadêmicos nada podem fazer, não aprovam coisa alguma. Pois eles se dedicavam aos estudos da ciência dentro da própria academia. Como também, eles se deixavam ser guiados por aquilo que era oportuno, ao invés da verdade. Assim, o desejo dos acadêmicos pelo conhecimento é muito diferente daquele apresentado por Agostinho.

Prontamente, as respostas apresentadas pelos participantes do diálogo, manifesta que quem possui a Deus é quem vive bem, faz o que Deus quer e não tem o espírito impuro. Isto implica o conhecimento da verdade, o que era problema para os acadêmicos. Dessa forma, Mônica os chamará de *caducários*:

Sorri para minha mãe. Ela, então, com uma liberdade não possuída pelos outros, deu como que uma ordem para que fosse tirado da dispensa o que falava na ocasião: Dize, pois, e explica-nos quem são esses acadêmicos e o que pretendem eles. Expliquei, breve e claramente, a fim de que ninguém ficasse sem os conhecer. E ela conclui então: Tais homens são uns epiléticos [*caducarii*]! Servira-se de palavra vulgar, com a qual são designadas as pessoas vítimas desse mal. Ao mesmo tempo, levantou-se para se retirar. Quanto a nós, satisfeitos e joviais, também nos retiramos, pondo fim à nossa discussão. (AGOSTINHO, 1998, p. 135).

Assim sendo, essa crítica contra os acadêmicos, vem mostrar que a verdade só pode ser encontrada no interior do homem, e não no exterior. Por isso, que a busca dos acadêmicos não tinha um fim, pois eles se edificavam no campo da ciência.

No próximo capítulo será tratado da posse de Deus como condição da felicidade, observando a relação de amizade do homem com o próprio Deus, e quem estar no caminho procurando a felicidade, se é possível ser feliz, ou só quem já tomou posse. Assim, a benevolência de Deus, traz felicidade. Como também, se uma alma estar na carência, é feliz ou estar no caminho da infelicidade.

CAPÍTULO SEGUNDO

3 A POSSE DE DEUS COMO CONDIÇÃO DA FELICIDADE

Por certo, o termo vontade é a função de uma força ativa, sem o qual o órgão sensorial não se aplicaria ao objeto e a sensação não teria lugar. Os movimentos sensíveis da alma se reportam as quatro paixões importante: desejo, alegria, medo e tristeza. Quando um ser humano deseja, ocorre um movimento de vontade até chegar ao objeto desejado, e a sua alegria acontecerá quando se tem posse do objeto, e segundo Gilson (2007), temer é ceder ao movimento de uma vontade que recua diante de um objeto e dele se desvia; experimentar a tristeza. Dessa forma, na vida humana é cheia de vontades, para tudo um pouco o homem tem vontade, que no fundo ele quer satisfazer suas vontades.

Assim sendo, o ser humano é formado por vontade, e uma de suas vontades é ser feliz. Com certeza, que as vontades humanas são infinitas, não tem fim, com isso, ele procura aquele que é infinito, imutável e eterno. De fato,

Deus é o ser absoluto. Todos os outros seres são relativos. Nem deixam totalmente de existir nem existem totalmente. Deus é imutável e todas as outras coisas são mutáveis; por isso, só Deus existe verdadeiramente. Se comparadas com Deus, as coisas não têm verdadeira existência. Elas existem por estarem vinculadas ontologicamente a Deus. (SANTOS, 2007, p. 34).

Assim, a vida feliz é tudo aquilo que o homem mais busca. O tema sobre a felicidade é pensado desde os primórdios, no qual muitos filósofos como, Sócrates, Platão, Aristóteles e em outros, já apresentaram esta questão, afirmando que a virtude, filosofia e sabedoria são essenciais para ser feliz. Como é apresentado:

[...] é somente a partir de Sócrates que a felicidade passa a ser discutida como problema filosófico. Nesse sentido, é importante frisar que os gregos sempre entenderam a felicidade como *eudaimonia*, conceito este interiorizado desde os pré-socráticos e, dentre estes, destacamos Heráclito que, por sua vez, entendia que o caráter moral é o verdadeiro domínio do homem e que a felicidade não se ajusta aos prazeres corporais. (OLIVEIRA, 2013, p. 19).

Assim pois, aquilo que os primeiros filósofos apresentaram, eram ideias pensadas pela força humana, que por fim, conduz para uma felicidade para este mundo, ou seja, Agostinho não é o primeiro a introduzir este assunto, mas, sua temática trabalha justamente na luz da razão e da fé, tendo em vista, a felicidade na eternidade. Afinal:

Mas o que é ser feliz? O que busca o homem agostiniano é um bem que satisfaça toda a sua vontade e lhe conceda paz à sua

inquietação, ou seja, algo que seja superior a ele. A concepção de felicidade dos antigos repousava na ideia de posse do bem supremo, enquanto aperfeiçoamento do próprio homem e suas atividades e potencialidades, ou seja, a sabedoria como consequência da virtude. (SOUSA, 2016, p. 18).

Bem como, o filósofo de Hipona retrata que o homem busca a felicidade aqui na terra para satisfazer suas vontades e dores, pois sua alma que tanto se inquieta e se pergunta, e por desejar o Bem, aquele Bem que ocupará todo espaço em sua alma, com certeza, o Bem no qual os filósofos antigos não encontraram, pelo fato de estarem vinculados nas fontes de bens frágeis, a saber: a ciência, ou seja, tendo como alicerce a ciência, mas o ser humano tem o desejo de um dia encontrar, só na eternidade que sua alma desfrutará plenamente da felicidade que aqui na terra tanto busca. Ainda que para Santo Agostinho a felicidade plena somente seria alcançada com o retorno da criatura a seu criador,

A Deus, concretizada pela morte, ele exortava que mesmo na terra, o homem poderia ser feliz, à medida que buscasse o caminho da santificação, o processo de ascensão ao céu, e, daí poder desfrutar da verdadeira felicidade, do possuir a Deus. Tal esforço se dava por meio da busca interior do homem, que requer o afastamento da natureza exterior, ao mesmo tempo que, cede espaço para que a natureza interior possa desabrochar. (PAULA, 2011, p.8).

Dessa forma, Agostinho por uma parte segue a tradição dos primeiros filósofos, no qual a felicidade consiste na razão. Mas, um ponto que ele distânciava da tradição é, em afirmar que o porto de chegada não é a filosofia, mas, para Agostinho é a posse de Deus como fim último do homem. Desse modo, a felicidade Agostiniana vai muito mais além do que a filosofia, pois, a felicidade apresentada por ele estar sujeito a razão e a posse de Deus, que liberta o homem dos bens frágeis.

Igualmente, o homem chegará a felicidade se estiver ligado a Deus, e a ele não seria necessário se apegar a qualquer riqueza do mundo, pois, possuir o Bem eterno é a garantia de uma vida feliz. Ademais, Agostinho acreditava que todos os homens tinham o mesmo desejo comum, de alcançar felicidade, só uma diferença é que cada um segue seu caminho, além disso, tendo a expectativa de se encontrarem no final do porto.

Por isso, no segundo dia do colóquio, o filósofo introduz a conversa a respeito de quem possui a Deus, entretanto retornando as três respostas do dia anterior. A saber:

Com efeito, demostramos pela razão: ser feliz quem possui a Deus. Ninguém contradisse tal conclusão. Em seguida, foi proposta esta questão: Quem vos parece que possui a Deus? sobre esse ponto, se bem me lembro, três opiniões foram emitidas. Uns estimaram que possui a Deus quem faz o que Deus quer. Outros opinaram que o possui quem vive bem. Os demais afirmaram Deus estar presente naqueles em que não reside o espírito denominado impuro. (AGOSTINHO, 1998, p. 137).

De tal modo, como foi apresentado no dia anterior que para possuir a Deus é necessário que a pessoa faça a sua vontade, que siga seu caminho e não desvie seu olhar para os prazeres do mundo, sendo algo que destrói a vida humana. Também foi destacado, que é necessário que para possuir, é claro que viva bem, pois é um ser virtuoso. Uma pessoa que estar distante do caminho do Criador e não segue seu caminho, por certo, estar dotado de todo tipo de vício⁵, vício esse, que tampa a visão para reconhecer a verdade, prefere estar no erro do que encontrar a libertação de sua alma, e isso, é contrário daquilo que leva o homem ao crescimento. Assim pois, os homens nos quais não habita o espírito impuro, Deus estar presente. Sobre o assunto, comenta Sangalli (1998, p. 169).

No marco dessa argumentação dialética, quem vive bem tem a Deus favorável e, portanto, é feliz; do contrário, lhes seria Deus hostil e, conseqüentemente, infeliz, assim como possuir Deus é diferente de não estar em Deus. Agostinho vai concluir com a distinção de três modos de viver. Quem já encontrou Deus e tem-nO favorável, é feliz; quem procura Deus, tem-nO favorável, mas ainda não é feliz; pelo contrário, quem se afasta de Deus, por vícios e pecados, não só não é feliz como não vive com o favor de Deus. Mas tal distinção não se sustenta, pois, o princípio da não-contradição seria violado, embora Agostinho pense dialeticamente, e é insuficiente na consideração da felicidade, que exige a posse daquilo que é a sua condição de possibilidade de existir.

Por certo, que as duas afirmações primeiras demonstram um só sentido, como por exemplo, "não constituem coisas diferentes: viver bem e fazer o que agrada a Deus." (AGOSTINHO, 1998, p. 138). Pois, se uma pessoa vive bem, logo ela é virtuosa, e se a virtude parte da verdade, logo o homem encontrou o Princípio Primeiro, que de onde tudo parte. Viver bem, é andar no caminho reto sem tropeço e sem duvidar daquilo que dá sentido a sua existência.

⁵ "Defeito grave que torna uma pessoa ou coisa inadequada para certos fins ou funções. Inclinação para o mal. Conduta ou costume nocivo ou condenável." (FERREIRA, Franklin. *Agostinho de A a Z*. São Paulo: Vida, 2006, p. 56).

Já com a terceira definição da posse de Deus, Agostinho diz que é necessário uma análise mais aprofundada, para não levar a uma resposta precipitada. Pois, se Deus estar no homem que não possuem espíritos impuros, homem esse que tem sua alma limpa, distante de toda impureza e de todo vício. Porém, segundo o Bispo de Hipona (1998), quando se trata de espírito impuro se tem dois sentidos. “[...] primeiramente, daquele espírito que, de fora, invade a alma, perturbando os sentidos, a ponto de provocar na pessoa uma espécie de loucura.” (AGOSTINHO, 1998, p. 138).

Destarte, o primeiro sentido de espírito impuro, é o caso de uma possessão, quando uma pessoa é dominada pelo demônio, e quando estar dominada, perde todo sentido de si, e passa a fazer loucuras, não tem controle dos seus atos e desejos, e procura fazer o mal para si e para quem estar ao seu redor. Neste caso, sente-se um tormento de espírito, momento em que a alma estar fora do seu equilíbrio.

Para libertar a alma desse tormento, é necessário de quem tem o poder e autoridade, realizar o trabalho (o exorcismo). Segundo Agostinho (1998), são os ministros ordenados que tem poder para expulsar e libertar a alma desses tormentos, realizando um exorcismo, que é um ritual, ou seja, uma oração e ordem em nome de Deus. Nisso, a alma que estar sofrendo, é liberta e passa sentir um alívio em seu espírito, e volta até consciência de si. Por certo, o exorcismo deve ser feito em várias sessões, pois o demônio não sai do corpo humano só de uma vez, e necessita que o ministro ordenado, seja uma alma forte, convicta na sua fé e naquilo que estar realizando.

Assim, “pelo segundo sentido, espírito impuro aplica-se a toda alma impura, isto é, manchada por vícios e erros.” (AGOSTINHO, 1998, p. 138). Ou seja, as almas que estão no caminho dos desejos carnaís, e sentem prazer naquilo que o mundo oferece, logicamente estão longe da verdade e são conduzidas pelo erro. De tal modo, como foi apresentado pelos participantes da conversa, que o espírito impuro não possui a Deus, e quem possui é na verdade uma alma purificada, ou seja, quem vive castamente. Por isso, castidade é classificada como uma: “Qualidade de casto. Abstinência de relações sexuais.” (FERREIRA, 2006, p. 191).

Afinal, quem vive a castidade é o homem que não procura cometer pecado algum em sua vida, busca sempre se prevenir dos prazeres carnaís, não se prende a prisão da carne, que distância o ser humano de sua proximidade com Deus. Dessa

forma, a castidade estar na alma do homem que volta seu olhar para o Criador, e fixa sua confiança no rosto de Deus, deixando que sua luz guie seus passos. Com isso, quem vive bem é motivo que tem uma vida casta, centrada em um único sentido, e quem exercita a castidade porventura terá uma vida bem proveitosa.

Ademais, o homem procura a Deus para ter uma vida feliz, encontra várias dificuldades neste caminho. Nesse respeito, Agostinho (1998) apresenta três novas questões. Deus quer que o homem o procure? Quem busca a Deus tem uma vida má? O espírito impuro procura a Deus? Cada um dos participantes deu seu parecer a respeito de cada questão, afirmando que o homem que tem uma alma impura não procura a Deus, e quem busca a Deus não é possível que tenha uma vida má. O filósofo depois de ouvir a todos apresenta que:

Se, pois, possui a Deus aquele que busca a Deus, faz a sua vontade, vive bem e está livre do espírito impuro; entretanto, por outro lado, quem está à procura de Deus ainda não o possui; segue-se que quem vive bem faz o que Deus quer não possui o espírito impuro, só por aí, não pode ser considerado como alguém que possua a Deus! (AGOSTINHO, 1998, p. 139).

Assim, quem estar à procura de Deus ainda não o possui, pois, estar a caminho, em busca, e quem estar procurando é sinal que não chegou ao porto final. Portanto:

A participação ontológica não garante a felicidade. Assim, quem busca a Deus, o tem como benévolo, mas ainda não é feliz. Encontra-se no caminho, mas não ainda na sua posse: 'Acontece, porém, que quem está em busca, ainda não possui o que deseja [...]' Quem se afasta de Deus, por sua vez, mediante o pecado e o vício, não somente não é feliz, como também não goza da benevolência divina. (SANTOS, 2016, p. 36).

Com esse questionamento ninguém chega a Deus sem antes o ter procurado, precisa primeiro partir, nisso, Mônica destaca que, "[...] aquele que vive bem possui a Deus como um amigo Benévolo, e quem vive mal, como alguém que lhe é distante." (AGOSTINHO, 1998, p. 140). Deus é amigo do homem, como também é um Ser protetor que promove na vida humana o bem, e sendo um amigo, procura estar perto, e o homem possuindo a Deus, com isso, ele corresponde, procurando estar próximo e fazendo sua vontade, diferentemente de quem tem uma vida má, por certo, não tem equilíbrio em seu ser, e Deus para ele é como alguém que está distante, um Ser conhecido, além disso, a diferença é que não o segue seu caminho e nem faz sua vontade. Assim, Mônica ainda apresenta:

Pelo que posso compreender, ponderou ela, eis a minha opinião: quem vive bem possui a Deus e de modo propício. Quem vive mal possui a Deus, mas como distante (*infestum*). E quem quer que esteja à procura, sem, todavia, o ter encontrado ainda, não possui a Deus nem propício nem molesto. Contudo, não está sem Deus. (AGOSTINHO, 1998, p. 141).

Do mesmo modo, Deus é bom a todo homem que o procura, pois, quando estar na busca, se tem a necessidade de ir mais à frente. Com isso, o homem por fazer parte da criação, e sendo um ser racional, ele se torna superior aos animais, e abaixo de Deus.

Toda criatura expressa a bondade de Deus por participar na perfeição divina. Deus é o ser por excelência e todas as coisas criadas têm o ser, por participarem no ser, ou seja, Deus é, por sua própria essência, o ser, e a criatura, ao participar, tem o ser, ou seja, participa na perfeição, na bondade de Deus. Embora já existissem, antes da criação, no entendimento divino, todos os entes possuem uma dupla marca: criados por Deus, porém, do nada. Há, com isso, uma disparidade, uma vez que todos os seres são bons por terem sido criados por Deus, que é a bondade por excelência; ao mesmo tempo, carregam certa imperfeição própria, por serem feitos do nada. (GILSON, 2001, p. 176).

Dessa forma, Deus mostra sua bondade dentro da própria existência humana, e o homem sente o desejo de conhecê-lo cada vez mais. Segundo Josemar (2016), Deus o sumo bem, o ser absoluto, confere existência às coisas por sua própria bondade. A criação participa deste bem, mas, é composta de entes participantes. Todas as coisas criadas são boas e apontam para o criador, pois são sinais impressos do amor divino.

E mesmo buscando, o homem tem a bondade de Deus, contudo, só lhe falta uma coisa, possuir a felicidade, porém quem possui, e já tem a posse de Deus, vive em sua bondade, esse sim, é feliz, pois a felicidade é algo desejado pelo ser humano, e o porto final seria o encontro com a vida feliz. Como é destacado:

Por conseguinte, chegas a estas distinções: todo o que encontrou a Deus e o tem benévolo é feliz. Todo o que ainda busca a Deus tem-no benévolo, mas ainda não é feliz. E, enfim, todo o que se afasta de Deus, por seus vícios e pecados, não somente não é feliz, mas sequer goza da benevolência de Deus. (AGOSTINHO, 1998, p. 142).

Bem como, uma alma é infeliz pois estar na carência, carência essa que leva ao distanciamento de Deus, esse distanciamento leva a um vazio em sua existência. Assim pois, o que na verdade leva o homem a entrar na carência é o fato de estar:

A sujeição ao tempo faz do homem um ser lançado ao mundo de maneira que quanto mais vive, menos tem a viver; e a vida à qual

está fadidamente entregue 'nunca é verdadeiramente um fato, porque é sempre um ainda-não ou um não-mais'. Assim, ele vive às margens da angústia, pois, ao olhar para si, vê-se caminhando solitariamente para um destino tão individual quanto inevitável: a própria morte. Nesse caminho, tenta imbuir-se de esperança, mas encontra-se fundamentalmente envolvido com as suas próprias inseguranças, pois não tem controle sobre aquilo que o porvir lhe trará. (SOUSA, 2016, p. 63).

Esse grande motivo pelo qual o homem não é feliz, é o fato de estar na decadência da vida espiritual, ou seja, falta um crescimento na sua caminhada até o encontro com a verdade. Como o próprio Agostinho (1998, p. 143) afirma que: "seguir-se-ia daí, portanto, que a infelicidade consiste tão-somente na carência ou indigência." Assim, carência é o estado em que o ser humano sente o desejo de algo, uma necessidade, já Indigência é uma pobreza no qual o homem vive a carência espiritual. Por isso, mesmo que a alma busque a felicidade, e se estiver no caminho, só encontrará e terá uma vida feliz, se por inteiro ter a posse de Deus. E a posse de Deus, parte do caminho que inicia dentro do próprio Homem, no seu interior.

Nesse aspecto, quem possui tais bens pode carecer de muitas coisas sem perder a felicidade, pois a felicidade é um bem do espírito que a perda de todos os bens materiais não poderia comprometer. Do mesmo modo, Agostinho lembra que encontrar-se na indigência consiste em não ter o que se necessita; e não no receio de perder o que se possui, pois é possível não estar na indigência e mesmo assim, ser infeliz. Por isso, não é correto dizer que todo homem infeliz está na carência de alguma coisa. (OLIVEIRA, 2013, p. 93).

Com isso, a alma que estar neste estado necessita desligar-se de tudo isso, para só assim, seu próprio interior sentir a realização existencial. Dessa maneira, para se chegar a posse de Deus, o homem necessita trilhar um caminho bem doloroso, pelo fato de se afastar de tudo aquilo que não edifica a vida humana. De tal modo, quando uma alma entra na decadência, ela não tem forças para se levantar sozinho, ela pode até querer, mas precisa poder, e esse poder, essa força só é alcançada através da posse e encontro com Deus.

Assim, já no porto final, o homem pode ser considerado feliz pelo fato de buscar, encontrar e tomar posse. Bem como, o filósofo é feliz quando ele possui a razão e o verdadeiro bem. Como é afirmado: "A única razão de filosofar é ser feliz[...]" (GILSON, 2006, p. 156). Por certo, o homem alcançando a verdade ele alcançará a Deus, que estar no seu interior, de fato, na sua alma.

Tendo em vista que no próximo capítulo de forma concludente deste trabalho, se abordará a felicidade como plenitude espiritual, buscando compreender as necessidades e infelicidades, destacando também os conceitos estoicos sobre a sabedoria e o gozo dos bens temporais, bem como, será tratado da carência, sendo uma falta de sabedoria. Assim, também será destacado se todo infeliz é indigente, e o sentido da palavra plenitude. Por fim, a sabedoria como justa medida da alma, e se é necessário ser sábio para ser feliz? E de onde parte a verdadeira sabedoria?

TERCEIRO CAPÍTULO

4 A FELICIDADE É A PLENITUDE ESPIRITUAL

No terceiro dia de festividade, o local do cenário do colóquio já é outro, eles decidem ir ao campo. Assim, Agostinho convida a todos para que possam encerrar esta festividade para só então irem todos descansarem, depois de três dias de grande trabalho e reflexão. Nesta continuidade, ele relembra que no dia anterior sua mãe tinha apresentado que o homem que se encontra na infelicidade, é motivo de carência, ou seja, o homem sente a necessidade de algo para preencher o vazio em sua existência, por isso, ele não é feliz, pois falta algo.

Portanto, existe um tipo de carência na alma do homem, ela é considerada da alma porque não afeta o corpo. Ela é chamada de carência da liberdade. Segundo Josemar (2006, p. 57):

Diz que a alma é carente de liberdade, quando tolhida da sua capacidade, ou mesmo, da potencialidade, para determinar a sua própria vontade. Não ignorado que essa vontade deve ser boa, isto é, livre de qualquer vício. Tal bloqueio da capacidade acontece, segundo Agostinho, quando a alma se encontra corrompida pela distância a que se coloca dos valores eternos [...] A carência da alma é pela liberdade no seu aspecto metafísico, buscando através dessa primeira liberdade, encontrar a libertação moral. Pois, em primeira instância, o homem pratica o mal por que é herdeiro dessa dominação que aprisiona a alma sob o julgo das paixões.

Bem como, a alma que estar pervertida, tem a competência de perverter as outras que vivem ao seu lado, voltando suas atitudes para a prática do mal, e por certo para a infelicidade, porque estar dominada pelos prazeres do erro. Pois, o ser humano tem a liberdade diante daquilo que ele procura para sua vida, e nisso, ele escolhe aquilo que está ao seu redor. Nisso, o homem precisa de uma escolha boa, que liberte sua alma da prisão da mal liberdade que ele escolheu, que por certo traz infelicidade para sua vida.

Segundo Sangalli (1998), no terceiro dia da discussão, Agostinho parece crer que, a conclusão é decorrência lógica do próprio processo dialético da discussão, onde os conteúdos expostos e desenvolvidos, nas etapas anteriores, são conservados e retidos, para concluir ter alcançado o verdadeiro resultado. Mas a análise prossegue com a introdução de novos conceitos para caracterizar a felicidade.

A respeito da felicidade, é destacado que não existe meio termo entre miséria e felicidade, como também, não existe meio termo para a questão da fome, morte, etc, o homem estar em um lado ou em outro, morto ou vivo. Como é apresentado:

Existe meio-termo entre um ser morto e um ser vivo? Não é toda pessoa um ser vivo ou um ser morto? Penso que admite estar bem morto aquele que foi enterrado há um ano? Ninguém respondeu nada. Nesse caso, todo homem que não estiver enterrado há um ano, estará ainda vivo? Essa consequência não se segue, retorquiu Trígésio. Também do fato de que todo indigente é infeliz, não se segue que quem não estiver na indigência será feliz, visto que entre o feliz e o infeliz como entre o vivo e o morto, não cabe estado intermédio. (AGOSTINHO, 1998, p. 145).

Dessa forma, se para alcançar a felicidade ou permanecer na miséria não encontramos um meio termo que divida as duas partes, pois, quando uma pessoa estar distante da felicidade, lógico que ela se encontra banhada na carência e miséria, por certo, estar na infelicidade.

Logo em seguida, foi destacado que o sábio não sente dor e não sofre, pois nada disso passa por sua alma. Assim, a alma do sábio é perfeita, não se encontra nenhuma mancha de erro, e estando na perfeição nada falta em sua vida. Igualmente, "é tolice suportar o que se puder evitar." (TERÊNCIO apud AGOSTINHO, 1998, p. 146). Assim pois, o homem sábio irá procurar caminhar longe de todo tipo de sofrimento, e conservar sua alma limpa e sadia, por contrário, se ele não evitar aquilo que é provável que ele poderia evitar, ele entraria no caminho da infelicidade, pois sua alma sofreria o tormento da dor do vício. Assim sendo, a felicidade se encontra no interior do sábio, pelo sentido de ele estar privado de todo tipo de carência, pois segundo o Bispo de Hipona (1998), o sábio é forte e não teme a morte.

Bem como, o sábio não necessitava de nada físico para ser feliz, mas será infeliz todo o homem que necessita de algo que lhe falta? Essa pergunta Agostinho joga no meio da conversa para induzir aos participantes a reflexão. Pelo fato que muitas pessoas necessitam de muitas coisas passageiras, coisas essas que satisfazem seus desejos, pelo menos em alguns momentos. Dessa maneira,

Imaginemos um homem, tal como aquele Orata, de quem nos fala Cícero. Quem ousaria dizer que Orata sofria de alguma indigência, ele que se achava cumulado de riquezas, mais refinado luxo e de prazeres? Ele, a quem nada faltava do que contribui ao deleite, ao encanto da vida, ao gozo de perfeita saúde? Possuía em abundância propriedades rendosas e amigos muito prestativos. Servia-se

judiciosamente de tudo para seu bem-estar. (AGOSTINHO, 1998, p. 147).

Será que diante de tudo aquilo que possuía, ele precisava de mais alguma coisa? Com certeza sim, pois quanto mais riqueza se tem, o homem deseja muito mais, pelo fato de nunca estar satisfeito com os bens materiais que tem. Segundo Nobre (2006, p. 38), há homens infelizes, como fica provado, que não vivem na indigência, não sofrem carência de bens perecíveis, mas são, de outro modo, carentes, sobretudo, de sabedoria. Assim, não é o gozo dos bens da fortuna que garante a felicidade, mas a sabedoria, que é apresentada como condição de felicidade para o homem.

De fato, os conhecimentos e a própria ciência é o que conduz o homem sábio na sua vida, assim, quando o ser humano estar na infelicidade, não significa que é a falta dos bens materiais, mas é a estultícia e a ignorância. Bem como, nada pode faltar ao homem que há sabedoria. Assim, como destaca SANGALLI (1998, p. 173).

O sábio é quem possui sabedoria e quem não carece de nada. A indigência da alma é a estultícia, por ser ela o contrário da sabedoria. Então, não é o temor da perda que torna o homem infeliz, mas sua estultícia. E a estultícia é a verdadeira e autêntica indigência. É o não-ter, o nada, que é possuído pelo estulto. Aquele que vive na abundância não pode ser sábio, por tomar como oposto da indigência ou da necessidade a posse da riqueza material. O vazio, o nada, a esterilidade permanece na carência de sabedoria não satisfeita pelos bens da fortuna. O ignorante, como não-ser mergulhado nos vícios, perde-se na procura e posse daquilo que é caduco e não-duradouro.

Segundo Oliveira (1993, p. 91) o homem sábio, para os antigos, especialmente para os estoicos, era o homem mais perfeito e equilibrado da humanidade. Alguém que já não luta contra as paixões, porque já não as possui. Enquanto não chegar a isso, não terá atingido o cume da sabedoria.

Assim sendo, o homem rico do exemplo (citado acima) pode ser considerado infeliz, não pelo fato dele perder os seus bens materiais, que é algo passageiro, mais, é o caso dele estar longe da sabedoria, e quando se estar distante da sabedoria, logo estar na carência, e o homem que estar preso em seus bens materiais, ele é um estúpido, nisso, ela é a carência que tampa sua visão. "Assim, pois, está demonstrado como toda carência equivale a infelicidade, e do mesmo modo toda infelicidade implica carência." (AGOSTINHO, 1998, p. 149).

Porquanto, a carência pode também ser denominada como, alguém que não possui nada, estar privado de algo em sua vida. De fato, estar na carência é ser insensato, pois, todo infeliz é insensato, e todo indigente é infeliz, segundo o Mestre da interioridade (1998), haveremos de concluir que a infelicidade e a indigência se identificam.

Por certo, devemos entender também aquilo que é contrário a carência. Assim, todo insensato estar poluído pelos vícios (intemperança), e isso podemos chamar de estultícia, aquilo que não tem e não se encontra nada, e por diferente desse, temos o termo chamado moderação (frugalidade), que assim, encontramos o ser e o não ser, em outras palavras, aquilo que estar cheio, e aquilo que não tem nada em sua vida. Bem como, como seria o contrário do termo indigência? Poderíamos apresentar a pobreza, mais é necessário um termo mais bem adequado. "Plenitude! exclamou Licênio. Esse termo, se pudermos empregá-lo, creio eu, seria bem o oposto à indigência!" (AGOSTINHO, 1998, p. 152).

Assim, plenitude se aproxima mais do termo verdade, e quem estar na verdade é um ser virtuoso, e sendo assim, a mãe das virtudes é moderação. Nas palavras de Cícero (apud AGOSTINHO, 1998, p. 153): "pense cada um o que quiser; quanto a mim, estimo que a frugalidade, isto é, moderação ou temperança, é mais excelente das virtudes." Ou seja, frugalidade é produtividade do ser.

Neste momento para entendemos melhor a palavra plenitude, é destacado dois novos termos, que é moderação e temperança. Bem como, moderação tem o significado, que é medida, e temperança vem de proporção. Assim, quando um ser humano tem medida e proporção das coisas, seus projetos nunca é de menos e nem de mais, aí encontramos a plenitude, por contrário disso, nos deparamos com a falta de medida que desequilibra o homem.

De fato, o homem encontra sua medida na sabedoria, sabedoria essa, que é a moderação do espírito, a plenitude, ou seja, é o estado em que a alma estar em equilíbrio, com atitude de não cair em excessos. Por outro lado, quando a alma não estar em equilíbrio é provável que ela entre nos prazeres carnis, e nisso, sendo almas infelizes, se considera em estado de plenitude. Pois,

Vemos aqui que a sabedoria é a medida da alma, e para a felicidade esta medida é necessária enquanto plenitude para se evitar os excessos que causam justamente o oposto, a infelicidade. Esta plenitude, porém, não se encontra nos bens exteriores, mas na interioridade humana. Mas o que é a sabedoria? Agostinho a definirá usando a noção de moderação do espírito: 'A sabedoria é

simplesmente a moderação do espírito (*modus animi*). Isto é, aquilo pelo que a alma se conserva em equilíbrio, de modo a não se dispersar em excessos ou encolher-se abaixo de sua plenitude.' (SANTOS, 2006, p. 40).

Dessa maneira, as almas que procuram os bens exteriores, elas não se encontram na verdade, pois estão diminuídas pelas baixezas, pelo medo, tristeza e outras paixões desordenadas. Por outro lado, quando uma alma encontra a sabedoria, ela vive em estado de contemplação, tendo em vista de nunca cair em caminhos vãos.

Bem como o homem só tem equilíbrio quando se encontra na sabedoria, segundo Agostinho de Hipona (1998) a sabedoria é a moderação do espírito, o estado no qual conserva a alma em sensatez, tendo em vista de nunca cair em escolhas erradas. Em oposto, sem a medida, o homem seria capaz de cair nos prazeres e nas paixões mundanas.

Quando o homem encontra a sabedoria, ele utiliza dela como objeto de libertação, de nunca mais se deixar ser acariciado pelos aspectos enganadores. Por isso, "essa pessoa não teme mais a imoderação, nem carência alguma, e, por conseguinte, nenhuma infelicidade. Concluamos, pois, que toda pessoa para ser feliz deve possuir sua justa medida, isto é, possuir a sabedoria." (AGOSTINHO, 1998, p. 155).

Mais afinal, qual será a verdadeira sabedoria? Por certo, é a sabedoria de Deus, que é a fonte que liberta o homem do erro, vício e caminhos vãos. Através da revelação Divina, Jesus Cristo é a sabedoria plena manifestada na humanidade, e Jesus Cristo é o próprio Deus, em pessoas três. De fato, é feliz o homem que possui a Deus. Dessa forma, a sabedoria revelada por Deus, é a própria verdade, pois quando o Filho do Eterno esteve aqui na terra, Ele mesmo se apresentou como "Eu sou a verdade." (João 14, 6). Ele é apontado como a sabedoria de Deus, capaz de garantir a felicidade verdadeira, de modo que a verdadeira sabedoria incide em possuir a sabedoria de Deus, medida e verdade.

Ora, a verdade encerra em si uma Suma Medida: da qual procede e a qual se volta inteiramente. E essa Suma Medida assim é, por si mesma, não por alguma imposição extrínseca. E tal como verdade é gerada (*gignitur*) pela Medida, assim também a Medida manifesta-se pela Verdade. Por conseguinte, nunca houve Verdade sem Medida, nem Medida sem Verdade. Quem é o filho de Deus? já o dissemos e está escrito: 'A Verdade!' Quem é aquele que não possui progenitor, a não ser a Suma Medida? o Pai. Logo, todo aquele que vier à Suma Medida pela verdade será feliz. e isso é possuir a Deus na alma,

gozar de Deus. quanto às coisas criadas, Deus as possui, mas elas não possuem a Deus. (AGOSTINHO, 1998, p.156).

De fato, possuir a medida, ou seja, possuir o próprio Deus, é sem dúvida possuir a sabedoria contemplando Cristo Sabedoria e Verdade, e isto constitui, portanto que a medida da alma está unida absolutamente com o conceito de posse de Deus. Então, quem, portanto, chegar à suprema medida pela verdade é feliz. Dessa maneira, toda alma quer ir até a suma medida pelo caminho da verdade, isso sim, encontrará a felicidade, o gozo da alma.

No final do terceiro dia de colóquio, Agostinho apresenta também a comunhão do ser humano com a Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Assim, os impulsos interiores que partem da alma nos levam a ir ao encontro do Eterno, e sentir a fonte da verdade que parte Dele. E sendo a fonte da verdade, encontramos N'Ele toda perfeição e integridade, nisso, nossos olhos ficam presos agora na sua Verdade, o gozo da alma.

Assim sendo, quando o homem estar no caminho, indo em busca, ainda não pode sentir o gozo de uma vida feliz, pois ainda não encontrou a plenitude e sua alma não tem moderação, e não atua com justa medida. Já que a perfeita plenitude das almas, na qual contorna a vida feliz, incide em admitir devotamente e perfeitamente.

Por isso, o encontro com a felicidade é encontrar toda perfeição completa, que segundo o filósofo é a plenitude que inicia e encerra toda alma que é, Deus. Assim, a plenitude perfeita estar no fato de ir em busca da sabedoria, e sermos conduzidos para a verdade que é o Pai, e quando chegamos a verdade, sentimos o gozo da contemplação o próprio Filho, e a conexão que nos leva a tal contemplação, é a Suma Medida, ou seja, o Espírito Santo.

Mônica contente com o desenrolar do diálogo, manifesta sua alegria e relembra um trecho de um belíssimo hino antigo, "protege, ó Trindade santa, aqueles que te imploram." (AGOSTINHO, 1998, p. 157). Dessa maneira, Mônica completará que de fato, é a vida feliz, a vida perfeita, pois: "tenhamos confiança que poderemos ser levados a ela, prontamente, graças à fé sólida, à alegre esperança e à ardente caridade." (AGOSTINHO, 1998, p.157). A contemplação do Eterno.

Enfim, o Bispo de Hipona encerra os colóquios manifestando seus agradecimentos a todos, pela partilha e estudo a respeito da felicidade. No qual, diante destes três dias, vários manjares foram apresentados, tanto por parte dos convidados, quanto por parte de Agostinho, todos ficaram saciados e acumulados de

bagagem de conhecimentos. De fato, os conhecimentos passados neste estudo foram tão ricos, que Trigésio dá a proposta de se reunirem outros encontros como esses. Como testemunha ele: "como gostaria que tu nos obsequiasses todos os dias, nessa mesma medida." (AGOSTINHO, 1998, p. 157).

Bem como, o Mestre da interioridade (1998) explica por fim, que a medida deve ser conservada e amada em toda parte, se vos empenhais deveras na nossa volta a Deus. Assim, o diálogo finaliza invocando a presença da Trindade Santa diante de todo o estudo, dando graças ao sumo e verdadeiro Deus, Pai e Senhor libertador das almas, Ele que é a fonte de toda sabedoria e felicidade na vida humana. Nisso, cada um se retira do local.

5 CONCLUSÃO

Em suma, tendo observado a importância do tema da felicidade no meio filosófico e o quanto é valioso para o homem conhecer a sua compreensão. Agostinho de Hipona apresenta o caminho que conduz o ser humano até a felicidade plena. Assim, a temática que foi proposta para a realização deste trabalho monográfico, desperta um desejo de busca da razão humana, e ir em procura da plena felicidade que enriquece a vida humana. Pois, é próprio do homem esse aspecto de situar-se no tempo e no espaço, para que possa traçar metas na sua vida. Dessa forma, também vem abrir os olhos, para o fortalecimento no campo do conhecimento e ao mesmo tempo cria um pensamento consciente a respeito daquilo que completa a vida do homem.

De fato, a busca pela felicidade permanente é desejo unânime do ser humano, e essa busca é sempre atual. Nos dias atuais a maior parte das pessoas pensam que a felicidade é algo passageiro, porque em geral, o fato é que a felicidade é o estado mais desejado da natureza humana, tornando-se natural ao homem ser feliz. Dessa forma, o trabalho constitui uma apresentação: se é possível o ser humano encontrar a felicidade fora de Deus? De fato, não, pois a maior realização da vida do homem só se encerra em Deus.

Bem como, o homem encontra vários caminhos para realizar seus desejos, e muitos caminhos aumentam as inquietudes humanas, em contrário, em algum momento de sua vida, o homem chegará a porta do caminho que na verdade servirá de sinal e luz para libertar sua alma da escuridão, essa escuridão que tampa a visão humana de enxergar a verdade. Assim, o homem que chega na verdade, consegue sentir um alívio em sua alma, pois aquilo que sua existência tanto sofria por causa dos sofrimentos da carne, alcança a libertação completa, pois, só pela plena verdade que o homem sai do erro, erro esse, que desvia o ser humano da verdade.

Ao contrário de muitas almas que estão no erro, almas sadias sentem o gozo da alegria plena, e mesmo na busca, elas sentem sinais da vida feliz, e só na posse de Deus que o homem pode ser feliz, pois a felicidade parte do Criador, e não da criatura. Ademais, muitas almas sentem felicidades passageiras, felicidade essa, que partem dos bens frágeis, que não são duradouros, por isso, o homem mesmo tomando posse de bens frágeis, sentem o desejo de possuir muito mais, pois, sua alma não se realiza completamente com aquilo que é frágil, por isso, que ele deseja mais.

Assim pois, é só na eternidade que o homem poderá vivenciar a plena felicidade que tanto busca, o primeiro passo que ele deve dá, é o buscar, só buscando ele conseguiu alcançar aquilo que tanto deseja, a felicidade. E é nessa busca constante que Agostinho procurava, ele procurava Aquele, que na verdade é a felicidade plena, o próprio Deus.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi; Ivone Castilho Benedetti. 6.ed. rev. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. **História da filosofia**. Trad. Antônio Borges Coelho Lisboa. São Paulo: Ed. Presença, 1979.

AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante; rev. Antônio da Silveira Mendonça. 25.ed. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **A Trindade**. Trad. e introd. de Augustino Belmonte. Rev. e notas compl. de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. **As Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **Solilóquios**. Trad., introd. e notas de Adauray Fiorotti, Nair de Assis Oliveira e Roque Frangiotti. Rev. de H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2017.

_____. **Vida Feliz**. Trad. Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: Informação e Documentação: trabalhos acadêmicos: Apresentação. 3. ed. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **NBR 10520**: Informação e Documentação: Citações em documentos: Apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6023**: Informação e Documentação: Referências: Apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: Informação e Documentação: Numeração progressiva das seções de um documento escrito: Apresentação. Rio de Janeiro, 2012.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. Trad. Raimundo Vier. 13.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

_____. **História da Filosofia Cristã: Desde as origens até Nicolau de Cusa.** Trad. Raimundo Vier. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CÍCERO, Marco Túlio. **Da república.** Trad. Néelson Jahr Garcia. Fortaleza: Escala, 1979. Disponível em: <<http://filosofianreapucarana.pbworks.com/f/Cicero%2B%2Bda%2Brepública.pdf>>. Acesso em: 01.05.2012.

FERREIRA, Franklin. **Agostinho de A a Z.** São Paulo: Vida, 2006.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho.** Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **A Filosofia na Idade Média.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Historia da filosofia cristã.** Rio de Janeiro Vozes, 1995.

_____. **A Filosofia na Idade Média.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

INWOOLD, Brad. O estoicismo. In: PRADEAU, Jean-François (org.). **História da filosofia.** Prefácio e trad. James Bastos Áreas e Noéli Correa de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SOUZA, Danilo Noberto. **A felicidade e a sua busca no De beata vita de Santo Agostinho.** São Paulo: Solutudo, 2016.

SOUZA, Josemar Jeremias Bandeira de. **Vida Feliz na filosofia de Santo Agostinho.** João Pessoa: UFPB, 2006.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia.** Trad Benôni Lemos. 18.ed. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Filosofia).

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média.** Trad. Álvaro Cunha. 11.ed. São Paulo: Paulus, 2012.

_____. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica.** Trad. Ivo Storniolo. 4 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

OLIVEIRA, N. de A. Introdução. In: **SANTO AGOSTINHO. A vida feliz: diálogo filosófico**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1993.

OLIVEIRA, Jandaí evangelista de. **Santo Agostinho: a busca da verdade e a descoberta da felicidade**. Pernambuco: Senac, 2013.

PAULA, Andriely Samanda de. **O amor e a felicidade em Santo Agostinho como elementos para a formação do homem**. Maringá: UEM, 2011.

PLATÃO. **Górgias**. Trad. Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Edipro, 2007.

SANGALLI, I. J. **O fim último do homem**: Da eudaimonia aristotélica à beatitude agostiniana. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SANTOS, Danilo Nobre dos. **A Felicidade e sua busca: no de beata vita de Santo Agostinho**. Marília, 2006

SANGALLI, I. J. **O fim último do homem**: Da eudaimonia aristotélica à beatitude agostiniana. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

STACCONE, Giuseppe. **Filosofia da Religião**: O pensamento do homem ocidental e o problema de Deus. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

SCIACCA, Michele Federico. **História da Filosofia**: Dos século XIX aos nossos dias. Trad. Luís Washington Vita. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

WHITE, Nicholas. **Breve história da felicidade**. Trad. de Luis Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2009.